SJ005: Frankenstein

* **Título:** *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*
* **Autor:** Mary Shelley
* **Linha fina:** Frankenstein, publicado em 1818, é uma das obras-primas da literatura moderna e patrimônio da cultura ocidental. Tornou-se veículo, por excelência, dos medos e ansiedades da civilização burguesa e da impossível realização sob a forma de uma humanidade emancipada
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Inglesa
* **Título original:** *Frankenstein or the Modern Prometheus*
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Bruno Gambarotto
* **Categoria:** Literatura
  + **BISAC:** FIC015000: Ficção/Terror; FIC029000: Ficção/Clássicos; LIT004150: Literatura/Ficção Científica/Geral; [FIC009000] Fantasia
  + **Thema:** [FRV] Romance sombrio; [FKC] Histórias clássicas de terror e fantasmas; [FMT] Fantasia sombria
* **Escola:** Romance
* **Assunto:** Terror; Monstro; Crítica à burguesia; Narrativa psicológica; Clássicos; Protofeminismo; Mary Wollstonecraft; Percy Bysshe Shelley; Lord Byron; Romantismo; Operariado inglês
* **Edição:** Bruno Costa
* **Organização, tradução e introdução:** Bruno Gambarotto
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Assistência editorial:** Isabel Malzoni
* **Revisão:** Bruno Costa e Bruno Gambarotto
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 298
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-738-9
* **Data de entrega de arquivos:** 29 de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** *Frankenstein* é uma das obras-primas da literatura moderna. Publicado em 1818 sem qualquer referência ao nome de sua autora, Mary Shelley, a narrativa em primeira pessoa trata das desventuras de Victor Frankenstein, resultantes da vingança da “criatura” que o cientista abandonara tão logo trouxera à vida. O romance causaria o espanto de seus primeiros leitores, atentos aos conteúdos políticos radicais da obra escrita no calor da derrota de Napoleão no continente, bem como das primeiras manifestações de operários na Inglaterra. Adaptado ao teatro ainda na década de 1820, o *Frankenstein* não só faria, em suas edições posteriores, a fama de Mary Shelley como, ganhando as massas (primeiro nos palcos e, depois, nas telas), integraria o patrimônio da cultura ocidental, tornando-se veículo por excelência dos medos e ansiedades da civilização burguesa e da impossível realização sob a forma de uma humanidade emancipada.
* **Sobre o autor:** Mary Wollstonecraft Shelley (Londres, 179–Bournemouth, 1851) será sempre lembrada por seu romance de estreia e mais conhecida criação, o clássico *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1818). Filha de duas grandes figuras literárias da Inglaterra de fins do século XVIII — a protofeminista Mary Wollstonecraft (autora de *A Vindication of the Rights of Woman*, que morreria meses depois de dar à luz a filha Mary) e o romancista, filósofo político e pedagogo William Godwin (autor do conhecido *Things as They Are; or The Adventures of Caleb Williams*) —, Mary cresceu cercada do melhor do pensamento radical e artístico europeu em um período fundamental para a história europeia e mundial. Dentre os críticos do poder monárquico inglês presentes nos encontros na casa de Godwin, estava o poeta Percy Bysshe Shelley (1792–1822), o qual iniciou um caso que culminou em casamento com Mary. A relação entre Shelley e Mary foi importantíssima para o desenvolvimento literário da escritora: sem o encorajamento (e, segundo consta, também a pena e os primeiros cuidados editoriais) do poeta, é possível que *Frankenstein* — concebido durante viagem do casal à Suíça, onde frequentavam a casa de Lord Byron (1788–1824) — jamais tivesse vindo a lume. Já sem Shelley, morto precocemente em um naufrágio na Itália, em 1822, e decidida a viver da própria escrita, Mary produz outros cinco romances, dentre os quais o romance histórico *Valperga; or the Life and Adventures of Castruccio*, *Prince of Lucca* (1823) e o romance apocalíptico e, para alguns, precursor da ficção científica *The Last Man* (1825), ambos forjados no mesmo caldeirão político de *Frankenstein*, além de literatura de viagem e trabalhos editoriais, como a organização dos escritos do pai. No entanto, nenhuma das obras da escritora alcançaria a notoriedade de Frankenstein, que a partir da década de 1820 seria levado aos teatros (fundamentais para a transformação futura do romance em obra fílmica) e à apreciação do grande público. Em 1851, morre Mary Shelley, possivelmente vítima de um tumor cerebral.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução à edição brasileira**
    - Tal como anotadas por Walton a partir do relato do cientista em agonia e (o que não é pouco) finalmente revisadas pelo próprio protagonista antes de morrer, a queda e castigo de Victor Frankenstein falam às contradições gravadas nos fundamentos sociais e filosóficos da sociedade burguesa. Em modo de narrativa psicológica (aspecto que se perde nas versões fílmicas, apesar de decisivo para a recuperação do que está em jogo na narrativa), vemos desenhar-se não exatamente o embate entre criador e criatura, entre o homem de boas intenções e o ser que lhe jura vingança por infelicidade ou maldade constitutivas, mas o conflito entre o princípio da bondade natural, isto é, da inocência livre e da igualdade do homem em estado de criatura (à base da perspectiva rousseauniana do contrato social), e o do domínio — e portanto, da diferenciação — enquanto aspecto intrínseco à razão esclarecida. Se a razão humana superou a concepção divina do mundo e desfez-se da justificativa transcendente da diferença entre os homens (afinal, se uns nasciam reis e outros servos, isto era de se ver com Deus e o destino), desvelando a igualdade de tudo perante a boa (e, seguindo o esquema romântico que se sucede, justa e bela) natureza, seria o pensamento humano capaz de criar uma ordem que superasse a antiga cisão, na qual criador e criatura fossem um só? Prestes a ocupar o lugar do soberano (outrora de Deus) e fazer-se finalmente Criador por meio da racionalidade de que era investido, Victor Frankenstein esfacela-se no impasse próprio de sua modernidade: sendo a vida do ser criado pela razão desobrigada do jugo de Deus e sua transcendência, a vontade e o poder do homem que a cria cinde entre a igualdade em natureza (a vida do ser criado é vida) e a desigualdade inerente ao domínio do qual essa vida — vida dominada — é tributária.
    - Assim, da relação divina entre criador e criatura passamos ao campo de dominador e dominado. A razão cria por meio da dominação, domina por meio da criação: este é o fardo do Prometeu moderno. O roubo do fogo dos deuses já lhe diz muito pouco. Diferentemente do titã acorrentado de Ésquilo, preso ao monte Cáucaso por um conflito entre senhores (um dos quais ele próprio) e não inerente ao objeto — a chama — em disputa, Victor Frankenstein (para quem a disputa senhorial conhece um final: Deus já não governa os homens) está às voltas com a contradição do próprio fogo liberado.
    - Estruturalmente, pode-se dizer que Victor Frankenstein já traz à tona os efeitos psicológicos (para não dizer ideológicos) da narrativa sob a égide da contradição burguesa de classe. Dela a própria criatura dará testemunho — seja ele explícito, isto é, transposto em forma de relato sobre as desigualdades sociais, seja ele implícito na forma de seu próprio ser, cuja figura — arremedo artificioso de pedaços de corpos sortidos no cemitério — nos recorda outro dos usos do termo monstro, relacionado à constituição do corpo político. “O grande Leviatã, chamado Comunidade ou Estado”, diz Hobbes, é um “homem artificial, ainda que de maior estatura e força do que o natural”, reunido e costurado por pactos e acordos que “remetem ao Fiat, ou o Que se faça homem, pronunciado por Deus na Criação”. Que o corpo político construído por Victor Frankenstein — genebrino republicano e, no entanto, como a viagem pela Inglaterra ao lado do amigo Henry Clerval o demonstra, fascinado pelas glórias da realeza britânica — seja o arremedo de um contrato social cuja beleza inicial se desfaz pelo próprio costurar de suas partes desiguais, esta seria uma das possíveis leituras da monstruosidade política trazida ao mundo pelo cientista; de outro modo, da monstruosidade também se recupera o asco do conservadorismo diante do monstro da Revolução Francesa, assim pensada à época pelo filósofo inglês Edmund Burke em sua condenação dos acontecimentos políticos de França, para quem a destituição da monarquia feria as boas proporções do corpo político e instalava a anarquia tirânica e irracional no seio da sociedade. O monstro está nos olhos e, principalmente, nos compromissos ideológicos de quem o vê ou pensa ante o perigo da dissolução da rigidez da ordem e das determinações da razão que a rege.
    - Essa é uma das qualidades referidas à atualidade de Frankenstein: a monstruosidade se manifesta em face da ameaça da ordem, da emergência da alteridade reprimida — exceção que em nossa sociedade tornou-se a regra, a própria ordem de seu funcionamento. A criatura de Victor Frankenstein é ressuscitada sempre que, em sua sublime desordem, os excessos e excedentes da vida arremetam contra as muralhas da razão atormentada que os manipula e governa. Nas banlieues francesas, nas favelas e periferias brasileiras e indianas, nos ghettoes norte-americanos ou em Gaza — para não falarmos no que acomete as relações de gênero e as normalidades impostas à sexualidade —, a “monstruosidade” da criatura, desde sempre combatida como a manifestação do mal, deveria ser o apelo à reconsideração do que é humano — o que, diz-nos a história, não será menos perigoso: o Leviatã feito de um e de todos poderá assumir quaisquer proporções.
    - [...] a produção do monstro em Frankenstein refletia um desejo de poder, jamais de autoconhecimento e comunhão.
    - A tragédia do Prometeu moderno recupera a traição de base de nossa civilização — civilização que, anunciando o novo homem, deparou-se com a manutenção dos antigos modos e grilhões; civilização cujo esclarecimento haveria de refletir os imperativos morais da humanidade liberada, caindo, não obstante, em seu avesso.
  + **Capítulo do prefácio**
    - Vi — com os olhos fechados, mas a visão mental aguda —, vi o estudante pálido de artes profanas ajoelhando-se diante da coisa que havia produzido. Vi a silhueta medonha de um homem deitado que, então, com o trabalho de alguma máquina poderosa, apresentava sinais de vida e se agitava em movimentos nervosos, apenas parcialmente vivos. Isto deve ser aterrorizante — pois supremamente aterrorizante deve ser o efeito de qualquer tentativa humana de caçoar do estupendo mecanismo do Criador do mundo. [...] Precisava pensar em outra coisa. Recorri a minha história de fantasma, minha aborrecida e desafortunada história de fantasma. Oh! E se eu tentasse elaborar uma capaz de assustar meu leitor como eu própria me assustara naquela noite!
  + **Capítulo do texto**
    - Muitas vezes atribuí meu entusiasmo apaixonado, minha ligação com os perigosos mistérios do oceano àquela que é a obra de um dos mais imaginativos dentre os poetas modernos. Há algo que cresce em minha alma e não entendo. Sou industrioso — um trabalhador esforçado, que executa com perseverança e meticulosidade seu trabalho —, mas além disso há em mim um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, que permeia todos os meus projetos e me move para longe dos caminhos usuais do homem, mesmo para o mar revolto e as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.
    - Tais foram as palavras do professor — ou melhor, as palavras do destino — enunciadas para a minha destruição. Seguindo, senti como se minha alma tivesse sido arrebatada por um inimigo palpável; uma a uma, foram tocadas as muitas chaves que produziam a mecânica de meu ser; acorde após acorde, minha mente se enchia de um só pensamento, uma só concepção, um só objetivo. Tanto havia sido feito, minha alma exultava — e mais, ainda mais, realizarei; percorrendo os caminhos já trilhados, serei o pioneiro de trilhas novas, conhecerei os limites de poderes ainda desconhecidos e desvelarei ao mundo os mais profundos segredos da criação.
    - Vejo por sua coragem, meu amigo, e pela esperança e entusiasmo brilhando em seus olhos que você espera que eu lhe revele o segredo inerente a minha descoberta; mas não poderia fazê-lo; tenha paciência, escute minha história até o fim, e você facilmente entenderá por que tenho reservas a esse respeito. Não o conduzirei, tão frágil e ardente como eu era então, à destruição e ruína certas. Aprenda comigo, se não por meus preceitos, ao menos por meu exemplo, quão perigosa é a aquisição do conhecimento e quão mais feliz é o homem que crê ser seu vilarejo natal o mundo do que aquele que aspira a se tornar maior do que sua natureza o permitisse.
    - Ninguém poderá conceber a miríade de sentimentos que, como um furacão, me moviam ao primeiro júbilo do sucesso. Vida e morte pareciam a mim limites abstratos que pela primeira vez atravessaria, lançando luz sobre nosso mundo de escuridão. Uma nova espécie me abençoaria como seu criador e origem; muitas criaturas felizes e excelentes deveriam a mim sua existência. Nenhum pai poderia reclamar a gratidão de um filho com tanta razão quanto eu mereceria a delas.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)